

**Rap e luta por reconhecimento:  
uma análise dos Racionais MC's**

*Rap and struggle for recognition:  
an analysis of Racionais MC's*

Thais dos SANTOS<sup>1</sup>  
Rayza SARMENTO<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo analisa as letras de raps dos Racionais MC's a partir da Teoria do Reconhecimento desenvolvida por Axel Honneth (2003), especificamente acerca da dimensão da estima. A partir da análise de conteúdo, analisamos seis discos, ao longo de três décadas, a fim de entender como as letras de rap operam na busca por reconhecimento. O conteúdo das letras foi agrupado em quatro categorias: *negação*, *perseguição*, *resistência* e *ascensão*.

**Palavras-chave:** Teoria do Reconhecimento. Rap. Estima social.

**Abstract**

This article analyzes the rap of Racionais MC's based on Recognition Theory developed by Axel Honneth (2003), specifically about the dimension of esteem. Based on the content analysis, we analyzed six albums, over three decades, in order to understand how rap operate in the search for recognition. The content of the lyrics was grouped into four categories: denial, persecution, resistance and ascension.

**Keywords:** Recognition Theory. Rap music. Social esteem.

**Introdução**

Este artigo se volta para análise dos seis álbuns inéditos dos Racionais MC's, entre os anos de 1990 a 2014, a partir da teoria do reconhecimento de base honnethiana. A análise das 28 músicas de um dos grupos de rap mais importantes do cenário nacional

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).  
E-mail: thais.s.santos@ufv.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de Ciências Sociais Universidade Federal de Viçosa (UFV).  
E-mail: rayzasarmento@gmail.com

busca entender como essa obra, analisada em seu conjunto, aborda temas politicamente relevantes, sobretudo quando olhada a partir da ideia de *estima social* de Axel Honneth.

A música é uma manifestação artística que permite entender quadros de sentido compartilhados pelas sociedades ao longo do tempo. No caso dos Racionais, isso se torna ainda mais nítido com a emergência do grupo logo após o fim da ditadura militar no Brasil, nos anos de 1990, em um momento em que a música “acompanhou de perto as idas e vindas dessa década tumultuada e confusa, não só fazendo a crônica dos fatos e acontecimentos como desnudando comportamentos” e ainda “levantando-se contra crimes e chacinas, comemorando avanços, gritando contra injustiças” (MARTINS, 2015, p. 28-29).

O grupo oriundo do Capão Redondo, uma favela situada na região do Campo Limpo, na zona sul de São Paulo, ganhou fama nacional e popularidade sobretudo nas periferias brasileiras. Na voz dos Racionais, a denúncia da discriminação racial, da desigualdade econômica, da violência policial, ecoa há três décadas anos em forma de rima e poesia, colaborando para uma construção partilhada, coletiva, e não apenas individual. Bertelli (2012, p. 216.) afirma que a obra dos Racionais narra os esquecidos pelo Estado, a quem resta, na periferia, o “estigma da incivilidade”. Nesse sentido, sustenta Gutierrez (2015), estamos falando de um “rap político”.

as interpretações compartilhadas podem desempenhar o papel de fazer nascer laços culturais que alimentam o ímpeto de resistência às opressões daquela comunidade. Esse é o caminho traçado para a reflexão sobre o rap político dos Racionais: ouvi-lo como uma arma poética - um “revólver engatilhado dentro da mente”, como canta Edi Rock na música “Na fé firmão” - mobilizada dentro do campo da cultura como artifício discursivo para a produção de significados associados à crítica e ao combate ao racismo e às desigualdades brasileiras, e utilizado como um vetor de afirmação de autoestima coletiva para as populações negras das favelas brasileiras (GUTIERREZ, 2015, p. 59).

Nosso objetivo ao longo deste texto é discutir como o rap dos Racionais evidencia, por meio de suas letras, uma complexa construção de enquadramentos políticos sobre a vivência nas periferias que podem ser entendidas à luz de uma luta por reconhecimento.

### Reconhecimento: o modelo honnethiano sobre autorrealização

Sentir-se reconhecido é um desejo alimentado pelos indivíduos em diferentes espaços de interação. O termo “reconhecimento” possui acepções diversas nas conversações informais e mesmo na teoria política. No primeiro caso, é comum acionarmos a ideia para falar de uma sensação individual de apreço pelo que somos ou fazemos. Na teoria política contemporânea, é possível identificar ao menos cinco formas de como o conceito foi operacionalizado, conforme sistematização de Mendonça (2013). Para entender as músicas dos Racionais, trabalharemos com uma dessas vertentes, a partir da acepção desenvolvida por Axel Honneth (2003), com amplos lastros na obra hegeliana.

Honneth (2003) se preocupa em entender onde se assentam as raízes do conflito social, partindo da identificação de uma sociedade que viola sucessivamente, observado o desenvolvimento histórico, as condições de uma vida humana digna. O autor alemão identifica como o desrespeito vivenciado em diferentes esferas de interação possibilita os sujeitos construírem lutas sociais públicas. O reconhecimento, em Honneth, é um processo de *autorrealização* permanente, com bases intersubjetivas. Isto é, depende necessariamente da interação com demais pessoas ou grupos para que aconteça. Nessa perspectiva, não existe reconhecimento e autorrealização em uma vivência solitária ou não política. Trata-se de um engajamento em conflito – uma luta – pois, conforme sustenta o autor, “o reconhecimento não pode ser concedido, alcançado ou doado” (idem, p. 147).

A luta por reconhecimento em Honneth se dá a partir da compreensão de um processo incrustados em três esferas. A primeira delas é referente ao âmbito do *amor*. Ela é baseada no reconhecimento recíproco e envolve vínculos afetivos fortes, gerando a *autoconfiança* para “ir para o mundo”. Para elucidar essa dimensão no domínio do *amor*, Honneth (2003) menciona a importância da segurança que a esfera familiar traz para o indivíduo, sendo essa proteção desenvolvida desde a fase maternal. O autor justifica seu argumento a partir de estudos realizados pelo pediatra, psiquiatra e psicanalista Donald Winnicott. Na análise desenvolvida por Garcêz e Maia (2009), acerca da luta por reconhecimento das pessoas surdas, fica ainda mais evidente esse

processo intersubjetivo que depende de uma vivência coletiva. Sua negação, afirmam as autoras, afeta diretamente o valor que temos “sobre nós mesmos”.

a rejeição ou aprovação das pessoas que nos rodeiam fornecem meios para que possamos construir um senso de valor sobre nós mesmos. A partir da internalização do horizonte de expectativas normativas, os sujeitos travam uma luta moralmente motivada para se tornarem membros aceitos por uma coletividade e, portanto, reconhecidos, no que tange à imputabilidade jurídica e ao valor social das suas identidades (GARCÊZ; MAIA, 2009, p. 87)

O desrespeito que se manifesta nesta dimensão, segundo Honneth (2003), se dá sobretudo no âmbito físico, como a violência corporal ou, nos termos do autor, o “abatimento do corpo humano”. Segundo ele, este

tipo de desrespeito que toca a camada da integridade corporal de uma pessoa: aquelas formas de maus-tratos práticos em que são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre seu corpo, representam a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal. A razão disso é que toda tentativa de se apoderar do corpo de uma pessoa empreendida contra sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de humilhação que interfere destrutivamente na auto relação prática de um ser humano (HONNETH, 2003, p. 215).

A segunda dimensão honnethiana é a do *direito*, a qual dá ênfase na igualdade jurídica e resulta na compreensão positiva do *autorrespeito*. Neste âmbito, Honneth (2003) trata do reconhecimento igualitário que possuímos diante de uma sociedade, sendo entendidos de forma institucional como de “igual valor”. O tipo de desrespeito ligado a esta dimensão se constrói na privação de direitos e na exclusão social. O sujeito não tem proteção jurídica institucionalizada, não possuindo assim igualdade legítima se comparado a outros indivíduos. Outro fator importante a ser considerado é a questão do acesso à informação, podendo ser um dos empecilhos para que esses direitos não sejam desfrutados. Ou seja, dependendo do núcleo social o qual o sujeito pertença, o mesmo é suprimido de conhecimentos legais e fundamentais para que se torne um cidadão consciente, e que seja capaz de lutar pelos seus direitos.

O terceiro âmbito honnethiano é o da *estima social*, ligada à relação e solidariedade do outro, que proporciona a “*autorrealização*”, na medida em quem os indivíduos ou grupos precisam sentir-se valorizados pelas suas habilidades peculiares e capacidades individuais ou coletivas. O desrespeito relacionado à *estima social* do

indivíduo se projeta quando não há valorização particularidades, habilidades e capacidades individuais, provocando processos de “vexação social”.

A “honra”, a “dignidade” ou, falando em termos modernos, o “status” de uma pessoa, refere-se, como havíamos visto, à medida de estima social que é concedida à sua maneira de autorrealização no horizonte da tradição cultural; se agora essa hierarquia social de valores se constitui de modo que ela degrada algumas formas de vida ou modos de crença, considerando-as de menor valor ou deficientes, ela tira dos sujeitos atingidos toda a possibilidade de atribuir um valor social às suas próprias capacidades (HONNETH, 2003, p. 217).

Zanetti (2008), estudiosa nos campos do audiovisual e periferia, faz uma reflexão sobre a importância das representações simbólicas, tais como a música, para o entendimento da estima social em termos honnethianos. A autora chama a atenção para a construção simbólica a partir das interações sociais e ressalta que o debate social se desenvolve na esfera pública, por isso é tão importante o sentimento coletivo e o consenso social. A autora afirma que:

Tais redes de relações constituem uma das bases necessárias para que os indivíduos possam se reconhecer a partir da alteridade, do “outro”, com o qual compartilha representações sociais. Estas, ao se constituírem em instâncias de institucionalização simbólica de “enquadramento” dos sentidos, são suportes para a compreensão da realidade, como forma até de criar um sentimento de familiaridade no contexto da vida social (ZANETTI, 2008, p. 6).

Diante desta breve retomada das premissas honnethianas sobre a teoria do reconhecimento, é preciso ressaltar que o processo de luta se dá quando tais desrespeitos – de forma conjunta ou específica – são identificados como problemas e passam a ser desnaturalizados e publicizados. Neste texto, observamos como as letras dos Racionais MC’s colaboram para esse processo, sobretudo identificando os desrespeitos sofridos no tangente à estima social. Para Mendonça (2013),

os sujeitos deparam-se, frequentemente, com práticas e sentidos que podem estigmatizá-los e humilhá-los, cerceando suas possibilidades de autorrealização. Tais processos, em certas circunstâncias, podem ser tematizados como injustos, levando a tentativas de transformação dos padrões interacionais em voga (MENDONÇA, 2013, p. 118).

Sarmiento (2015) reitera os apontamentos feitos por Mendonça (2013) ao discutir como se desenvolvem as lutas por reconhecimento, afirmando que as mesmas acontecem como produtos de “ausências” e “frustrações” na espera do outro e, também na recusa dos direitos. A autora chama atenção para uma premissa fundamental para a compreensão da teoria honnethiana, esta se trata de uma luta para os reparos das injustiças e não para a proteção de interesses.

Mendonça (2013) sustenta ainda que para Honneth a luta por reconhecimento não é uma luta para enaltecer determinadas culturas, identidades ou modos de vida, rebaixando os demais. Nesse sentido, Garcêz e Maia (2009) discutem como uma “visibilidade ampliada” das lutas por reconhecimento pode colaborar para novas interpretações sobre suas reivindicações. “Se o indivíduo ou grupo social que sofre o desrespeito consegue revelar o porquê de serem valorizados, pode haver uma eficiente reconstrução de um novo olhar e uma negociação de um novo sentido” (GARCÊZ; MAIA, 2009 p. 87).

Entendemos que as manifestações culturais, como a música, podem ser elementos importantes na estruturação dessas reivindicações públicas e por isso nos voltamos para o conjunto da produção dos Racionais MC’s.

### **Estima social e a análise das letras dos Racionais MC’s**

Para a realização deste trabalho, utilizou-se análise a de conteúdo. De acordo com Cavalcante e seus colaboradores (2014, p. 14), tal metodologia realizada “de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados”. Os autores enfatizam o perigo de que tal análise possa incorrer em subjetividade demasiada dos pesquisadores, impedindo sua replicação. Nesse sentido, alertam para a descrição clara dos procedimentos realizados.

O processo de coleta começou com a compilação das letras de todos os nove discos dos Racionais MC’s, pois além de álbuns com raps inéditos o grupo tem mais três com músicas repetidas, os quais foram excluídos da análise<sup>3</sup>. Logo, separamos todas as faixas inéditas, restando assim *seis* álbuns. Em seguida, lemos e escutamos as

---

<sup>3</sup> São eles: “Racionais MC’s” (1994) compilado, “Ao Vivo” (2001) e “1000 Trutas, 1000 Tretas” (2006).

produções de maneira cronológica, com intuito de verificar a demanda de cada letra, buscando entender os sujeitos que falam, seus interlocutores e as pautas.

Nosso corpus final de análise é formado por 28 raps dos seis álbuns dos Racionais MC's, conforme demonstra o Quadro 1.

**QUADRO 1** – Letras analisadas a partir do álbum e ano

Ano	Álbum	Música
1990	Holocausto Urbano	Beco sem Saída Racistas Otários Pânico na Zona Sul
1992	Escolha o seu caminho	Voz Ativa Negro Limitado
1993	Raio X do Brasil	Fim de Semana no Parque Homem na Estrada Mano na Porta do Bar
1997	Sobrevivendo no Inferno	Capítulo 4, Versículo 3 Periferia é Periferia Mágico de Oz Diário de um Detento
2002	Nada Como um Dia Após o Outro, Vol 1 & 2	12 de Outubro Expresso da Meia-Noite Negro Drama A Vida é um Desafio Vida Loka parte II Da Ponte Pra Cá Crime Vai e Vem Na Fé Firmão Vivão e Vivendo 1 por Amor, 2 por Dinheiro
2014	Cores e Valores	A Praça Somos o Que Somos O Mau e o Bem Cores & Valores (Preto e Amarelo) Eu Compro

Fonte: Elaboração própria.

Embora este trabalho esteja focado no estudo das letras dos raps realizamos a escuta de todas as faixas dos Racionais MC's. Também assistimos a diversas entrevistas

com a participação dos integrantes do grupo encontradas na plataforma de vídeos digital YouTube, o que nos possibilitou de forma mais responsável entender o contexto de construção de cada letra.

As músicas em questão são prestigiadas culturalmente nas grandes favelas das capitais brasileiras, deixando explícita a representatividade de um estilo musical. A música retrata experiências vividas, sentimentos e falas que foram e ainda são reprimidas em diferentes espaços. Segundo Martins (2009),

A música, uma das formas pelas quais os indivíduos buscam (re)significar a realidade social, faz parte de uma totalidade que inclui uma série de manifestações sócio-culturais capazes de demonstrar determinada realidade histórica. Em relação à historiografia tradicional, sua diferença reside no fato de ela não estabelecer significados fixos, imutáveis, alheios às transformações externas. Pelo contrário, a música permite as mais diversas interpretações, geradas pelas diferentes relações que os diferentes indivíduos estabelecem entre si e com a sociedade da qual fazem parte. Leituras singulares de uma obra coletiva (MARTINS, 2009, p. 8).

Buscamos entender e analisar as músicas a partir da teoria de Honneth (2003), focando especialmente na dimensão da estima. Observando nas faixas a presença dos desrespeitos que os impediam de serem estimados socialmente. Para isso, foram criadas categorias a fim de sistematizar o conteúdo sobre a luta por *estima* presente nas músicas.

#### A) Negação - “*Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora*”

Nesta categoria, reunimos as músicas em que era visível a construção de um discurso sobre negação. Percebe-se nas letras das músicas uma *negação* de estima aos sujeitos da periferia paulistana em serem reconhecidos por suas particularidades e pelos seus lugares de pertencimento. Os rappers fazem alegações de que essa exclusão se dá devido os estereótipos, à dimensão racial, classe econômica, social e política. Ao narrarem a vida nas favelas, argumentam sobre inexistência da infraestrutura básica de sobrevivência que os deixa vulneráveis para sofrerem diferentes tipos de violências.

Conseguimos perceber tal dimensão em dez raps, nos seis álbuns analisados: “*Pânico na Zona Sul (1990)*”, “*Beco Sem Saída (1990)*”, “*Fim de Semana no Parque (1993)*”, “*Homem na Estrada (1993)*”, “*Mano na Porta do Bar (1993)*”, “*Capítulo 4,*



*Versículo 3 (1997)*”, “*Periferia é Periferia (1997)*”, “*Mágico de Oz (1997)*”, “*12 de Outubro (2002)*” e “*Expresso da Meia- Noite (2002)*”.

No rap “*Beco sem Saída*”, os autores buscam conscientizar o público periférico do ambiente hostil e desumano que os mesmos se encontram. Logo, é relatado violências cotidianas que esse povo sofre, sem que haja o enfrentamento de tal prática. Percebe-se a segmentação em dois grupos, oprimidos e opressores. Sendo o primeiro o povo negro, pobre e morador de favelas e o segundo o sistema governamental, o rico e a Polícia Militar de São Paulo.

Ao pensar na teoria honnethiana e, sabendo que o reconhecimento parte da premissa do respeito mútuo, entende-se que o desrespeito acontece quando existe algum tipo de violência presente. Neste caso, essas crueldades são os eixos principais narrados na letra de “*Beco sem Saída*”, por exemplo. Dialogando com a teoria de Honneth (2003), os Racionais MC’s estão empreendendo uma luta por reconhecimento, a partir de sentimentos morais de injustiças, como podemos observar no trecho abaixo:

**A sarjeta é um lar não muito confortável  
O cheiro é ruim, insuportável  
O viaduto é o reduto nas noites de frio  
onde muitos dormem, e outros morrem, ouviu?**  
São chamados de indigentes pela sociedade  
**A maioria negros, já não é segredo, nem novidade  
Vivem como ratos jogados,**  
homens, mulheres, crianças,  
Vítimas de uma ingrata herança  
A esperança é a primeira que morre  
E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria  
**O que se espera de um país decadente  
onde o sistema é duro, cruel, intransigente**  
(RACIONAIS MC’s, 1990, *Beco Sem Saída*, grifos nossos)

Em “*Fim De Semana No Parque*”, no qual é retratado um domingo comum na zona sul paulistana, vemos um paralelo entre uma sociedade com alto poder aquisitivo e uma sociedade periférica, ficando explícitos os acessos negados para o público que pertence às favelas. A partir de um muro imaginário que segrega os dois mundos dentro da mesma cidade, os autores conduzem seus interlocutores ao questionamento de como algumas pessoas podem ter tanto poder de aquisição e outras nenhum. Com esse argumento, os mesmos desnaturalizam a pobreza e fazem uma tentativa de conscientização das negações sofridas pelo povo da periferia. Honneth (2003)

argumenta que antes de ocorrer a luta por reconhecimento é preciso existir a consciência dos desrespeitos sofridos e, empreender um combate a opressão.

Olha só aquele clube que dahora  
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha  
Olha quanta gente  
Tem sorveteria, cinema, piscina quente  
Olha quanto boy, olha quanta mina  
Afoga essa vaca dentro da piscina  
**Tem corrida de kart dá pra ver**  
**É igualzinho o que eu vi ontem na TV**  
**Olha só aquele clube que dá hora**  
**Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora**  
**Nem se lembra do dinheiro que tem que levar**  
**Do seu pai bem louco gritando dentro do bar**  
Nem se lembra de ontem, de hoje e o futuro  
**Ele apenas sonha através do muro**  
(RACIONAIS MC's, 1993, Fim de Semana no Parque, grifos  
nossos).

É recorrente nas letras as explanações da revolta e do martírio desse povo, que padece sem uma infraestrutura básica, com uma desigualdade social histórica, somada ao racismo. Nesse sentido, nos diz Camargos (2015, p.152), o rap é um “sistema de significações”, “uma operação artística e política que capta experiências sociais vividas (...) dando forma estética à consciência adquirida”

### **B) Perseguição - “Será que eles veem em nós um marginal padrão?”**

O argumento central da categoria *perseguição* se configura através do racismo e do preconceito que outros grupos têm em relação aos moradores de favelas, pretos e pobres. Nos raps “*Racistas Otários (1990)*”, “*Diário de um Detento (1997)*” e “*A Praça (2014)*”, a exposição dessa perseguição vai se construindo ao longo das letras, sendo sofrida por um determinado público da sociedade, impedidos de alcançarem a estima social. De acordo com Camargos (2015, p. 191), os Racionais “verbalizam situações de exclusão” e “produzem um discurso musical que funciona como um protesto saído diretamente do olho do furacão”.

Em “*Rap Racistas Otários (1990)*”, vemos que os músicos fazem alusão a uma perseguição social, racial e classista. Logo, em tom de revolta e indignação os mesmos elaboram questionamentos e reflexões sobre os motivos dessas desigualdades

acontecerem por tantos anos no Brasil e invocam um enfrentamento de combate a essa prática. Na letra, os rappers clamam por uma “paz” que lhes é negada. Percebe-se um mundo bem segregado, deixando explícito a relação do opressor para com o oprimido. Ao falar da busca pela estima social, Sarmiento (2015), com base na teoria honnethiana, explica que a incidência de desrespeitos nas capacidades e particularidades dos indivíduos leva os mesmos a não se enxergarem igualmente valorados em relação aos demais dentro da sociedade. Para mostrar tal perseguição os Racionais MC’s (1990) cantam assim:

**Os poderosos são covardes desleais**  
**Espancam negros nas ruas por motivos banais**  
E nossos ancestrais  
Por igualdade lutaram  
Se rebelaram morreram  
**E hoje o que fazemos**  
**Assistimos a tudo de braços cruzados**  
Até parece que nem somos nós os prejudicados  
**Enquanto você sossegado foge da questão**  
**Eles circulam na rua com uma descrição**  
**Que é parecida com a sua**  
**Cabelo cor e feição**  
**Será que eles veem em nós um marginal padrão?**

(RACIONAIS MC’s, 1990, *Racistas Otários, grifos nossos*).

O épico rap “*Diário de Um Detento*”(1997) pode ser considerado um relato histórico do sistema carcerário do Brasil, pois se caracteriza como um rap feito dentro do presídio Carandiru, em São Paulo. É um registro do dia em que ocorreu o massacre do Carandiru (1992), que deixou centenas de mortos, a partir da ação realizada pela tropa de choque da Polícia Militar de São Paulo. É uma crítica que o preso faz ao sistema carcerário e principalmente à sociedade. O rap utiliza-se da linguagem realista para descrever o cotidiano e os enfrentamentos de todos os dias desses presos.

Assim, em forma de protesto o então preso ilustra seu desejo de ser visto como um ser humano que cometeu seus erros, mas é uma pessoa que reflete, sente dor, tem seus familiares, sente medo e vive em um cárcere que possui condições subumanas e bem sugestivas para a aprendizagem de práticas violentas com relação ao outro.

**Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo**  
**Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio!**  
**O ser humano é descartável no Brasil**

**Como modess usado ou bombril  
Cadeia? Guarda o que o sistema não quis  
Esconde o que a novela não diz**

Ratatatá! sangue jorra como água  
Do ouvido, da boca e nariz

(RACIONAIS MC', 1997, *Diário de um Detento- grifos nossos*)

Já “A Praça”, do álbum “*Cores e Valores*” (2014), expõe que mesmo decorridos 26 anos do surgimento do grupo no final da década de 80, a noção de perseguição continua presente nos raps e nas vidas dos moradores das periferias de São Paulo. A música retrata um show dos Racionais MC's que aconteceu na Praça da Sé, localizada na capital paulistana, quando os mesmos foram alvo de perseguição da Polícia Militar. Os rappers iniciam a música expondo como a mídia em massa fez o uso desse episódio e desenvolveu um marketing negativo e pavoroso em relação aos Racionais MC's.

#### **Uma farda, uma armadura**

**Um disfarce, uma ditadura**

**Um gás lacrimogênio e algema não é a cura, é luxúria**

Uma censura tentaram e desistiram

Pularam atrás da porta, filmaram e assistiram

**Pediram o nosso fim, forjaram uma lei pra mim**

Tiraram o nosso foco dos bloco e o estopim

**Tentaram eliminar, pensaram em manipular**

Tentaram, não bloquearam a força da África

Chamaram a Força Tática, Choque, a Cavalaria

**Polícia despreparada, violência em demasia!**

(RACIONAIS MC's, 2014, *A Praça, grifos nossos*)

#### **C) Resistência - “Racionais declaram guerra”**

A categoria de *resistência* está vinculada à tentativa de conscientização e desnaturalização do que é negado a um grupo, fazendo assim com que ele não seja reconhecido. São argumentos que vão contra um conformismo em relação a situações desrespeitosas que afetam o povo periférico. É preciso enfatizar que tal categoria atravessa a obra dos Racionais como um todo, mas em algumas letras podemos visualizá-la de forma mais evidente. Camargos (2015, p. 93), ao citar Mano Brown, lembra que “a principal preocupação de um cantor de rap deveria ser a informação, a denúncia, o protesto; em suma, o engajamento”.

Agrupamos em tal categoria cinco músicas: “*Voz Ativa*” (1992), “*Negro Limitado*” (1992), “*Cores & Valores*” (2014), “*Somos o Que Somos*” (2014) e “*O Mau e o Bem*” (2014).

Negro Limitado (1992) é um rap que faz parte do segundo álbum dos Racionais MC’s, nele os cantores direcionam uma solicitação de resistência para o público negro da periferia. Logo, a letra se desenvolve em forma de enfrentamento das adversidades que o racismo e a pobreza geram. Essa rima é uma “prescrição”o que deve ser seguida por indivíduos pertencentes a tal grupo, caracterizando-se como a narração da conscientização e, conseqüentemente, a negação dessa realidade violenta que lhes é ofertada. É um estímulo que os cantores fazem para motivar os sujeitos a lutarem por uma estima social.

**Racionais declaram guerra.**

**Contra aqueles que querem ver os pretos na merda.**

E os manos que nos ouvem irão entender.

**Que a informação é uma grande arma.**

**Mais poderosa que qualquer PT carregada.**

**Roupas caras de etiqueta, não valem nada.**

**Se comparadas a uma mente articulada.**

**Contra os racistas otários é química perfeita**

**Inteligência, e um cruzado de direita.**

Será temido, e também respeitado.

**Um preto digno, e não um negro limitado**

(RACIONAIS MC’s, 1992, *Negro Limitado*, grifos nossos).

Na letra “*Voz Ativa*”(1992), com perguntas provocativas e semi-estruturadas dentro da própria música, o ouvinte/leitor é encaminhado para uma desnaturalização dos desrespeitos a muito tempo sofrido pelos sujeitos mencionado. Essa advertência vem em forma de uma tentativa de conscientização e organização para uma luta por estima social.

**Precisamos de nós mesmos essa é a questão**

DMN meus irmãos descrevem com perfeição então

**Gostarmos de nós brigarmos por nós**

**Acreditarmos mais em nós**

Independente do que os outros façam

Tenho orgulho de mim, um rapper em ação

**Nós somos negros sim de sangue e coração**

**Mano Ice Blue me diz**

**Justiça é o que nos motiva a minha a sua**

**A nossa voz ativa**

(RACIONAIS MC’S, 1992, *Voz Ativa*, grifos nossos)

**D) Ascensão - “Sou exemplo, de vitórias, trajetos e glórias”**

Denominamos esta categoria de ascensão para analisar o movimento pelo qual foi empreendida uma luta por valorização dos moradores de favelas. Uma motivação positiva, resultando o respeito de um para com o outro.

A partir do quadro teórico apontado anteriormente, observamos que os primeiros quatro álbuns dos Racionais MC's salientaram a existência de uma negação social, econômica e política. Além disso, traziam relatos de uma perseguição racista e preconceituosa sobre os moradores das favelas. Nos dois últimos álbuns, “Nada Como um Dia Após o Outro Dia- Vol.1&2. (2002)” e “Cores & Valores (2014)”, os rappers já fazem relatos de sentimentos de pertencimento e de orgulho desses moradores das favelas.

Presenciamos a categoria de ascensão nas dez músicas: “*Negro Drama (2002)*”, “*A Vida é um Desafio (2002)*”, “*Vida Loka parte II (2002)*”, “*Da Ponte Pra Cá (2002)*”, “*Cores & Valores (Preto e Amarelo) (2014)*”, “*Eu Compro (2014)*”, “*Crime Vai e Vem (2002)*”, “*Na Fé Firmão (2002)*”, “*Vivão e Vivendo(2002)*”e, “*1 por Amor, 2 por Dinheiro (2002)*”.

“Negro Drama” é uma composição dos Racionais Mc's cantada por Edy Rock e Mano Brown. Na fala do primeiro rapper, ele explica as heranças cruéis que a escravidão e o racismo deixaram para os negros brasileiros. Em forma de rima e poesia, ele denuncia a perseguição, “os desrespeitos” e até mesmo a “vexação” que esse povo sofre. Na parte cantada por Mano Brown, o enfrentamento, a resistência e a ascensão estão presentes. Negro Drama é a narrativa da ascensão do negro periférico, ocupando lugares antes inacessíveis e, agora, conquistados por meio de grandes lutas. Os mesmos deixam marcados a recompensa que se obtêm pela busca por “reconhecimento” na esfera da “estima social”, que é amplamente questionada nos raps dos quatro primeiros álbuns.

Segundo Honneth (2003, p.224), “nessas reações emocionais de vergonha, a experiência de desrespeito pode tornar-se o impulso motivacional de uma luta por reconhecimento”. Assim, o fragmento abaixo é um bom exemplo do que o autor argumenta:

**Não foi sempre dito,  
Que preto não tem vez,  
Então olha o castelo irmão,  
Foi vc quem fez Cuzão,  
Eu sou irmão,  
Dos meus truta de batalha,  
Eu era a carne,  
Agora sou a própria navalha,  
Tim..Tim..  
Um brinde pra mim,  
Sou exemplo, de vitórias,  
Trajetos e Glórias,  
O dinheiro tira um homem da miséria,  
Mais não pode arrancar,  
De dentro dele,  
A Favela,  
São poucos,  
Que entram em campo pra vencer,  
A alma guarda,  
O que a mente tenta esquecer,  
Olho pra traz,  
Vejo a estrada que eu trilhei,  
Mocó,  
Quem teve lado a lado,  
E quem só fico na bota,  
Entre as Frases,  
Fases e varias etapas,  
Do quem é quem,  
Dos Manos e das Minas fraca,  
Hum..  
NEGRO DRAMA de estilo,  
Pra ser,  
Se for,  
Tem que ser,  
Se temer é milho,  
Entre o gatilho e a tempestade,  
Sempre a provar,  
Que sou homem e não um covarde**

(Negro Drama- RACIONAIS MC's, 2002, grifos nossos)

No rap “*A vida é Um Desafio (2002)*” é possível ver uma valorização e elevação da auto estima do povo da favela. É notório um fortalecimento coletivo e a aquisição de uma visibilidade positiva nas periferias. Embora as letras continuem fazendo denúncias e reflexões sobre/acerca das negações, perseguições e ensinando a resistir, a ascensão se destaca.

São compreensões de um cotidiano mais esperançoso, observa-se um esforço para encorajar o povo, que até então, padece de todas violências descritas por Honneth (2003), como “abatimento do corpo humano”, “morte social” e “vexação”.

Logo, se o rap dos Racionais MC’s tem a intenção de descrever a vida cotidiana das favelas, nessa letra é possível afirmar uma melhoria da autoestima desse povo, a partir da consciência das injustiças. Honneth (2003, p. 260) afirma que “esses sentimentos de injustiças podem levar a ações coletivas, na medida em que são experienciadas por um círculo inteiro de sujeitos como típicos da própria situação social”.

**É necessário sempre acreditar que o sonho é possível**

**Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível**

**Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase**

**E o sofrimento alimenta mais a sua coragem**

(...)

**Olho as crianças que é o futuro e a esperança**

(Racionais Mc’s, 2002, *A Vida è Um Desafio, grifos nossos*).

### Considerações finais

No presente trabalho analisamos os seis discos de faixas inéditas dos Racionais MC’s a partir da Teoria do Reconhecimento, de Axel Honneth (2003). As letras dos *raps* narram o cotidiano violento que vive o povo periférico da cidade de São Paulo e se esforçam para denunciar aquilo que lhes é negado, tentando assim desenvolver uma luta para a conquista da *estima social*.

Tal discussão foi possível a partir da técnica de análise de conteúdo, que nos permitiu uma abordagem mais descritiva do nosso corpus, composto por 28 letras de rap do grupo em questão. As letras das músicas puderam ser entendidas e classificadas a partir de quatro categorias: *negação*, *perseguição*, *resistência* e *ascensão*.

Nos primeiros quatro álbuns as categorias de negação, perseguição, resistência se acentuam mais, já nos últimos a ascensão tem um maior destaque. Quando os discos são analisados de forma cronológica, levando em consideração o contexto político, social e econômico do Brasil, é perceptível o desdobramento de lutas por reconhecimentos sendo travadas através das músicas.



Honneth (2003) explica que as lutas por reconhecimento surgem como produto da desnaturalização dos desrespeitos e das violências sofridas. Os Racionais MC's salientam em suas rimas e poesias a existência da *negação* e *perseguição* contra o povo periférico e clamam por uma *resistência*, essa que tem como objetivo a luta e a efetivação de sua *ascensão, não individual*, mas coletiva. Entendemos que se configura assim como uma investida na busca pela *estima social*, e consequentemente a autorrealização. Ao estudar a relação entre rap e política, Camargos (2015) aponta como “experiências sociais e históricas foram vivenciadas, apreendidas e traduzidas em canções”, não são “verdades incontestáveis do passado”, mas modos de aparecimento público fundamentais para observar lutas também lutas sociais.

Também entendemos que a continuidade deste trabalho pode ser pertinente se pensarmos em novas análises usando a teoria honnethiana nas esferas do amor e do direito, uma vez que os raps têm conteúdo de análise para tal procedimento.

## Referências

BERTELLI, G.B. Errâncias racionais: a periferia, o R.A.P. e a política. **Sociologias** (UFRGS), v. 14, p. 214-237, 2012.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **REBEN - Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília - DF, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CAMARGOS, R. **Rap e política: percepções da vida social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2015.

CAVALCANTE, R. B; CALIXTO, P; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: Considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação e Sociedade**, 24(1), 13–18, 2014.

GARCÊZ, R.; MAIA, R. Lutas por reconhecimento dos surdos na Internet: efeitos políticos do testemunho. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, p. 85-103, 2009.

GUTIERREZ, G. G. O rap contra o Racismo: a poesia e a política dos Racionais MC's. **Animus**, v. 14, p. 56-77, 2015.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MARTINS, Franklin. **Quem foi que inventou o Brasil?** (vol. III). RJ: Nova Fronteira, 2015.

MARTINS, Daniel. **Das coisas que aprendi nos discos: Cancioneiro popular brasileiro e identificação nacional.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MENDONÇA, R. F. Dimensão intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, p.143-154, 2009.

MENDONÇA, R. F. Reconhecimento. In: **Dimensões Políticas da Justiça.** Leonardo Avritzer; Newton Bignotto; Fernando Filgueiras; Juarez Guimarães; Heloísa Starling. (Orgs.) - 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, p. 117-131, 2013.

SARMENTO, Rayza. Feminismo, reconhecimento e mulheres trans\*: expressões online de tensões. **Pensamento Plural** (UFPEL), v. 17, p. 129-150, 2015.

ZANETTI, Daniela. Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento. **E-Compós** (Brasília), v. 11, p. 1-16, 2008.